

**Tem poesia na escola? Duas escolas de lá e uma de cá:
quando a poesia cabe na prática educativa**

**Do you have poetry in school? Two schools of there and one of chaos:
when poetry facts in educational practice**

Rosilene de Fátima Koscianski da Silveira*

*Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis - SC, 88040-900,
email:rosilenefks@yahoo.com.br

Eliane Santana Dias Debus**

**Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis - SC, 88040-900,
email:elianedebus@hotmail.com

Fernando José Fraga de Azevedo***

***Universidade do Minho, UMINHO, Braga - Portugal, 4700-314, e-mail:
fraga@ie.uminho.pt

Resumo: A poesia é expressão da emoção humana. Ela precisa estar presente em sala de aula com “naturalidade”, não pode se restringir a momentos efêmeros ou pontuais. O trabalho com o texto poético precisa ser planejado, suas estratégias se pautam numa seleção criteriosa de textos e autores, exigindo do professor mediador a formação adequada para fazê-la, mas principalmente a disposição (ou seria a paixão?) em interagir com a poesia e em promover o encontro entre ela e a criança. Esse texto tem como objetivo compartilhar parte dos resultados de uma pesquisa de Doutorado em Educação realizada na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e complementada na Universidade do Minho, em Braga, Portugal. A pesquisa pautou-se no objetivo de investigar a relação criança e poesia indagando os modos de interação, os significados atribuídos e a relevância da leitura, da criação e da fruição poética na constituição do sujeito contemporâneo, leitor e narrador de sua história. A empiria foi realizada numa escola brasileira e duas portuguesas. O diálogo com crianças e professores no Brasil forneceu indicativos da relevância que a presença da poesia na escola assume tanto no aspecto da formação humana, de modo geral, quanto no letramento literário (educação literária) em particular. As mesmas indagações foram levadas aos docentes portugueses. Ao compartilhar as reflexões e estratégias que professores e professoras (portugueses e brasileiros) vêm construindo, reafirma-se a escola como um tempo-espço privilegiado para a leitura poética das crianças (jovens e adultos), visando o processo de humanização.

Palavras-chave: Escola. Criança. Poesia. Poema.

Abstract: Poetry is an expression of human emotion. She needs to be present in the classroom with "naturalness", cannot be restricted to ephemeral or punctual moments. The work with the poetic text needs to be planned, its strategies are based on a careful selection of texts and authors, demanding from the mediator teacher the adequate training to do it, but mainly the disposition (or would be the passion?) In interacting with the poetry and to promote the encounter between her and the child. This text aims to share part of the results of a Doctorate in Education research carried out at the Federal University of Santa Catarina (UFSC) and complemented at the University of Minho, Braga, Portugal. The research was based on the

objective the childhood and poetry relationship, inquiring about the modes of interaction, the assigned meanings and the relevance of reading, reation and poetic fruition in the constitution of the contemporary subject, reader and narrator of his story. The empiria was held in a Brazilian school and two Portuguese schools. The dialogue with children and teachers in Brazil provided indications of the relevance that the presence of poetry in school assumes in the aspect of human formation, in general, as well as in literary literacy (literary education) in particular. The same questions were brought to Portuguese teachers. By sharing the reflections and strategies that Portuguese and Brazilian teachers have been building, the school is reaffirmed as a privileged time-space for the poetic reading of children (young and adults), aiming at the process of humanization.

Keywords: School. Child. Poetry. Poem.

INTRODUÇÃO

Catadores

Catadores de lixo
 em lição;
 Catadoras de palavra
 em palavração;
 Catadores de vento
 em inventação;
 Catadoras de gente
 em cidadãos;
 Semeadores de sonhos
 Em gestação!

João Marino Vieira
 (VIEIRA, 2012, p. 37)

“Tem poesia na escola? Duas escolas de lá e uma de cá: quando a poesia cabe na prática educativa” tem como objetivo compartilhar parte dos resultados de uma pesquisa de Doutorado em Educação realizada no Brasil¹, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e complementada na Universidade do Minho, em Braga, Portugal, no âmbito de Doutoramento em Estudos da Criança, na especialidade em Literatura para a Infância. O estudo pautou-se no objetivo de investigar a relação criança e poesia indagando os modos de interação, os significados atribuídos e a relevância da leitura, da criação e da fruição poética na constituição do sujeito contemporâneo, leitor e narrador

¹ A pesquisa foi financiada pelo Programa do Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior (FUMDES/UNIEDU); e o Estágio Científico Avançado (Doutorado Sanduíche) realizado na Universidade do Minho – Braga – PT, pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

de sua história. O objetivo geral desdobrou-se em três objetivos específicos: indagar o modo pelo qual a criança interage com a poesia a partir de leituras, ensaios e criações de poemas, extraindo os significados que a estes possam ser atribuídos; refletir sobre a formação do leitor e o letramento literário explorando as possibilidades de diálogo entre a criança e a linguagem poética; e problematizar a presença do texto poético na escola, refletindo sobre possíveis formas de promover e potencializá-la. Estes objetivos foram traçados sob um prisma propositivo no intuito de buscar perceber as possibilidades advindas do trato com o texto poético, sobretudo na sala de aula. O diálogo com crianças e professores no Brasil nos forneceu indicativos da relevância que a presença da poesia na escola assume tanto no aspecto da formação humana, de modo geral, quanto no letramento literário (educação literária) em particular. Levamos as mesmas indagações aos docentes portugueses com o propósito de complementar e aprofundar a reflexão acerca da temática, ouvindo-os sobre as questões relacionadas.

Para responder aos objetivos propostos fizemos uma pesquisa empírica de natureza qualitativa e estratégias etnográficas numa escola da rede pública estadual em Criciúma, sul de Santa Catarina, Brasil, entre outubro de 2013 e junho de 2014. Nesta pesquisa contamos com a participação de vinte crianças com idade entre oito e doze anos e cinco adultos, dois poetas (escritores), um funcionário da escola e duas professoras, uma graduada em Pedagogia, atua com anos iniciais e outra graduada em Letras, atua com anos finais do Ensino Fundamental e com turmas de Ensino Médio (Educação Básica). A inserção no contexto português ocorreu entre setembro de 2015 e março de 2016, na qual visitamos duas escolas do ensino básico da rede pública de Braga – Portugal. Nesta pesquisa dialogamos com dois grupos de cinco docentes, entre os quais um deles, além da função de professor, exercia o papel de coordenador dos primeiros ciclos do ensino básico.

O Estágio Científico Avançado, ou Doutorado Sanduíche, como denominamos no Brasil, ocorreu com a pesquisa em andamento. Além da inserção e realização de atividades acadêmicas na Universidade do Minho, visitamos escolas de Ensino Básico, para ouvir os professores sobre a inserção do texto poético no cotidiano escolar e saber da presença da poesia na prática educativa portuguesa. Conforme anunciado, visitamos duas escolas da rede pública de ensino que aqui vamos chamar de Escola 1 e Escola 2. O diálogo com coordenadores e professores dos primeiros ciclos do ensino básico revelou os modos de tratamento e trabalho com o texto poético desde o planejamento das aulas,

as estratégias, consideradas de êxito pelos docentes, do trabalho com a poesia e o posicionamento docente sobre o Plano Nacional de Leitura.

Nas escolas visitadas apresentamos a síntese da proposta de pesquisa e as perguntas em forma de entrevista semiestruturada. As visitas ocorreram entre dezembro de 2015 e fevereiro de 2016. As visitas à Escola 1 foram agendadas pelo coordenador, a primeira aconteceu, conforme sugestão da coordenação, em um dia de reunião pedagógica e os professores tiveram maior disponibilidade de tempo/espço para o encontro que durou e torno de 90 minutos, o segundo foi de retificação de algumas questões que ficaram dúvidas. Encontramo-nos com um pequeno grupo de professores, destes, quatro se dispuseram a responder as questões e permitiram gravar suas falas, dialogando sobre as seguintes questões: Tem poesia na escola? Se há, que poesia está na escola? Quais os modos de inserção e com qual frequência o texto poético é trabalhado na sala de aula? Poderia citar um exemplo, uma experiência? A poesia está contemplada no Plano Nacional de Leitura? Houve/ participou de alguma ação de formação sobre poesia nos três últimos anos? Sente falta de uma formação específica para trabalhar com o texto poético?

A visita e a conversa com os professores na Escola 2 aconteceram em fevereiro. Outras visitas anteriores foram necessárias para que pudéssemos então agendar o encontro com as professoras e com a coordenadora. As perguntas foram as mesmas. Participaram deste encontro cinco professoras, sendo que uma delas, além de ser professora na Unidade Escolar, coordena as atividades relacionadas aos anos iniciais do ensino básico. Estas professoras preferiram conversar sobre o assunto, sem gravação de suas falas e enviar por e-mail uma síntese com respostas para as questões levantadas, recebemos o material produzido pelas docentes na semana seguinte ao encontro.

TEM POESIA NA ESCOLA?

Nossa pesquisa destaca a importância da relação infância e poesia e acredita no direito que tem a criança de encontrar-se com o texto poético desde a mais tenra idade. Essa defesa se pauta no reconhecimento de que a poesia é um tipo de texto que, entre outras questões, “possibilita, ao leitor, o contato emocional e afetivo com o estado das coisas do mundo empírico e histórico-factual, sugerindo percursos hermenêuticos plurais para o seu acesso, conhecimento e reflexão” (AZEVEDO e MELO, 2012, p. 927). O papel

do mediador literário nem sempre está claro, requer formação e engajamento. Defendemos que as estratégias de trabalho não podem ficar limitadas ao domínio do eventual, pois a leitura do texto poético exige mais do que eventualidade e precisa ser pensada como aprendizagem contínua e sistematizada.

O QUE ENCONTRAMOS “NAS ESCOLAS DE LÁ”

Quando perguntamos aos docentes portugueses se “tem poesia na escola” eles foram unânimes em responder que “sim, tem muita poesia na escola”. Noutro texto apresentamos algumas estratégias relatadas por estes professores (SILVEIRA, DEBUS e AZEVEDO, 2018), trouxemos a afirmação da professora² A, entusiasta na defesa de que o texto poético seja trabalhado na escola em qualquer momento “[...] a toda hora, uma simples quadra a motivação da aprendizagem de um determinado conteúdo, uma lenga-lenga, a letra de uma canção podem perfeitamente ser momentos dedicados poesia [...]”. Ela nos falou enfaticamente da importância de trabalhar a poesia na sala de aula.

Uma das professoras da Escola 2 sintetiza a descrição que o seu grupo faz do trabalho com o texto poético nas escolas portuguesas. Segundo suas palavras: “A poesia existente [na escola] é a que se vai explorando ou construindo com os alunos ao longo do ano letivo, em coisas do dia a dia, através da poesia existente nos manuais (muito escassa), de livros, através do computador, de músicas”. Ela lamenta que o acervo disponível nas unidades de ensino é ainda insuficiente: “Livros de poesia existem muito poucos uma vez que a biblioteca existente é muito limitada e com poucos livros de poesia”. A queixa de acervo insuficiente demonstra que estas professoras estão incluindo sistematicamente o gênero poético em suas aulas e, como decorrência, requisitando a ampliação do acervo de obras poéticas direcionadas aos miúdos com quem trabalham, nas bibliotecas de suas escolas. Quando indagada acerca do Plano Nacional de Leitura, esta professora afirma que, em Portugal:

² As participantes não serão identificadas nominalmente neste texto. Trazemos a contribuição de três professoras portuguesas e uma brasileira identificando-as como professoras A, B, C e D. Trazemos um poema apresentado por um menino sem identificá-lo. Na tese os participantes (brasileiros), adultos e crianças, são identificados nominalmente. As crianças são identificadas com seus nomes próprios em função da autorização concedida por elas e por seus responsáveis legais; de suas falas/escritas não apresentarem riscos de qualquer natureza ao se tornarem públicas; e, como forma efetiva de reconhecimento da autoria. Sobre isso ver Kramer (2002).

A formação de leitores literários é uma das metas do Ensino Básico [...]. Foi criada uma lista de obras e textos literários para leitura anual, válida a nível nacional, garantindo assim que a escola, a fim de não reproduzir diferenças socioculturais exteriores, assume um currículo mínimo comum de obras literárias de referência para todos os alunos que frequentam o Ensino Básico. Essas obras contemplam literatura diversificada, incluindo a poesia. Nomeadamente, no presente ano letivo, o Plano Nacional de Leitura, lançou às escolas um desafio “Faça lá um poema 2016”, que indiretamente promove uma maior exploração de obras poéticas.

Sobre modos de inserção e sobre a frequência com que o texto poético é trabalhado na sala de aula no contexto português, perguntamos se as professoras poderiam nos dar exemplos:

O texto poético [é trabalhado] quando surge no manual da escola, através de fichas fornecidas pela professora, de canções e noutros suportes, como por exemplo, através do computador que hoje em dia tem variadíssimos sites com obras literárias indicadas para os nossos alunos. (Ex: Biblioteca de livros digitais do Plano Nacional de leitura, [projetos específicos como] Catalivros, Uma história, História do dia, Instituto Camões, Clube de contadores de histórias...). (Professora B, fev. 2016).

A professora B nos diz ainda que tenta diversificar os textos trabalhados e pelo menos, uma vez por semana, inclui a poesia no planeamento de suas aulas e nos encaminha a planificação de uma de suas aulas com um texto poético de uma das obras de Educação Literária para o 2º ano, ano que estava a lecionar em 2016. No seu plano de aula coloca como fundamentação:

O livro OU ISTO OU AQUILO, de Cecília Meireles. [Essa] é uma das obras a explorar no 2º ano de escolaridade. Este livro está cheio de pérolas engraçadas e seria curioso explorá-lo na sala de aula. “Ou isto ou aquilo” foi o poema escolhido, pela sua estrutura linear e por não ser complicado demais para estes alunos. [...] As palavras de Cecília Meireles parecem mágicas, cheias de música e ideias. A autora apresenta uma sensibilidade muito grande e um talento especial para lidar com as palavras: elas ficam mais emocionantes e agradáveis de se ouvir. Na verdade, a autora brinca com as palavras, escolhendo-as como se perguntasse a si mesma, a todo momento: “Esta ou aquela?”, “Isto ou aquilo?”. Planificou-se a aula sempre numa dinâmica de trabalho de grupo à semelhança das aulas anteriores mas, desta vez, com os grupos mais criteriosamente estruturados. (Grifos da professora).

Entre os objetivos específicos definidos para a aula estão: “ouvir e ler textos literários, compreender o essencial dos textos escutados e lidos, e dizer e escrever poemas, em termos pessoais e criativos”. Como descritores do desempenho, a professora planejou “ouvir e ler obras de literatura para a infância e textos da tradição pessoal;

praticar leitura silenciosa; ler em voz alta, ler em coro pequenos poemas; descobrir regularidades na cadência dos versos; dizer pequenos poemas memorizados [e outros]”. A experiência que a Professora B empreendeu com seus alunos passou por apresentar a obra aos alunos, dialogar sobre o título, sobre a autora e sobre os poemas, ler o(s) poema(s) a explorar aos alunos, apresentar o poema aos alunos no quadro interativo, ajudar os meninos meninas a descobrir quais os sentimentos e a atitude da autora na escrita do poema, registrar as observações dos alunos, levá-los a dialogar sobre as suas dúvidas e incertezas, explorar a rima, o ritmo e a sonoridade, apresentar aos alunos a música “Ou isto ou aquilo” dos Clã, verificarem que uma poesia com ritmo é ótima para cantar, convidá-los a dizer a poesia ao ritmo da música e, em grupo, explorar a poesia através da realização de uma ficha de trabalho.

As professoras das duas escolas portuguesas se fazem representar nas palavras registradas pela Professora B, quando ela afirma que desde muito cedo a escola precisa promover nas crianças o gosto pela leitura: “Cabe a nós ajudá-las a desenvolver essa paixão, começando por lhes mostrar a diversidade de textos que existem e fazer com que elas se apaixonem pela leitura, seja qual for o tipo de texto. Devemos selecionar textos que mexam com as emoções das crianças para que elas os sintam. As crianças começam a viver outras vidas, através da leitura”. Aqui ela se refere ao texto poético e especialmente ao poema da escrita brasileira, “Ou isto ou aquilo” que levou para a sala de aula:

Neste poema, a problemática da dúvida e da decisão diante das possibilidades é colocada em evidência de uma forma sutil. São elas, dúvida e incerteza, as questões básicas de escolha que se fazem presentes no universo da criança, e ao lê-las, a criança identifica-se com o que foi apresentado, remetendo para próprias situações já vividas, onde a faz pensar que não é a única que passa pelas mesmas incertezas. [...] Afinal de contas, é muito difícil ter de escolher, independente de se ser criança ou não.

Entre as estratégias de trabalho com o texto poético destacamos a criação poética pelas crianças (SILVEIRA, DEBUS e AZEVEDO, 2018). Tanto no contexto brasileiro, quanto no português encontramos proposta de convidar a criança a ler, fruir e fazer poesia. Na Escola 1, a Professora C nos falou de como começa seu ano letivo: “Na primeira semana de aula faço poemas. A criança tem que fazer uma quadra com o nome dela ou um acróstico. Acróstico é poesia”. Rildo Cosson (2012) caracteriza (ou metaforiza) a prática do letramento literário/educação literária, campo que abarca a leitura poética,

como a “invenção da roda” que precisa ser reinventada em cada escola, em cada turma, em cada aula. Nessa reinvenção contínua, “o ensino de literatura passa a ser o processo de formação de um leitor capaz de dialogar no tempo e no espaço com sua cultura, identificando, adaptando ou construindo um lugar para si mesmo” (p. 120).

O trato com o texto poético na sala de aula aponta na direção da proposição de estratégias que coloquem as crianças (e seus professores) no circuito da interação poética, na qual elas possam ter acesso à leitura de vários poemas, em diversos suportes, e participem de diferentes atividades, como: a roda de poesia, o encontro poético ou encontro com o poeta, a participação em saraus, a montagem de varais e murais poéticos, a leitura individual e/ou coletiva de poemas, a busca orientada de poesias em *sites* e *blogs* na internet, a criação e/ou recriação compartilhada de poemas pelas crianças, entre outras possibilidades. Essas estratégias têm, insistimos, um único propósito: ler poesia, na acepção mais ampla que este enunciado possa assumir, e, nesse sentido, cabe principalmente refletir acerca das características da leitura poética.

Se o exercício da leitura (fruição e criação) poética na escola, no sentido quali e quantitativo, ainda está aquém do que se almeja, isso também se deve “ao caráter marginal que a ela se atribuiu. [Contudo,] O desgaste típico de textos como contos, romances, crônicas e outros, causados pela obrigatoriedade da leitura, ainda não atingiu os poemas.” (GEBARA, 2012, p. 14). Desse modo, mais do que contemplar a poesia no currículo escolar obrigatório, a ampliação da leitura poética precisa ser pensada a partir de algumas experiências que vêm ocorrendo no interior das nossas escolas. Estas, por sua vez, destacam o papel potencializador da poesia na promoção de uma educação estética de crianças e adultos. São experiências que contam com professores mediadores (entusiasmados) que buscam promover e consubstanciar a sensibilidade leitora, inserindo a poesia nas suas práticas educativas cotidianas. Na maioria das vezes, estas práticas se fazem e permanecem (quase) no âmbito do anonimato, como “pequenas” experiências que se agigantam quando olhamos para os aspectos de produção de sentido, de envolvimento afetivo e de reflexão sociocultural. O ponto de partida e o de chegada destas propostas é seguramente o mesmo: promover a leitura poética.

A MEDIAÇÃO POÉTICA PROMOVE O LETRAMENTO DOCENTE

Na trajetória investigativa compreendemos que dentre os aspectos mais relevantes para promover a presença qualificada da poesia na sala de aula está o papel exercido pelo professor e pela professora, enquanto mediador e mediadora que precisam lidar com seu próprio letramento literário. Como a grande maioria dos professores, principalmente aqueles que atuam nos anos iniciais da Educação Básica, não possuem formação adequada e “alimentada” ao longo da atuação para lidar com a poesia, suas estratégias de trabalho se pautam, fundamentalmente, na sua experiência enquanto leitor, nos seus “gostos e desgostos” acerca do gênero. Porém, por mais amplo que possa parecer o acervo poético do mediador, o trato com o texto poético não pode ficar dependente deste.

Além do acervo pessoal, a ação pedagógica também se pauta na concepção que o docente possui acerca da linguagem poética, que, grosso modo, tende a assumir dois extremos conceituais: de um lado uma visão ingênua – fruição, inspiração e até certa sacralidade, a poesia e seu poder mágico capaz de encantar e/ou assustar pessoas; em outro extremo, uma segunda concepção de poesia como pretexto didático que desconsidera, em grande parte, suas características, com objetivos que antecedem a leitura do poema e propõem estratégias inadequadas para esse tipo de texto. Nesse sentido, parafraseando Marisa Lajolo (1994), podemos afirmar que mesmo que os textos poéticos escolhidos sejam muito bons, se forem seguidos de maus exercícios, tanto num extremo quanto no outro, vamos prestar um “desserviço” à poesia. Estas duas formas de compreender o texto poético imobilizam o potencial estético, linguístico e literário do gênero – a primeira por distanciar a poesia dos sujeitos reais da linguagem e por colocá-la numa dimensão de incompreensão e inacessibilidade; a segunda por tratá-la como texto não literário.

A pesquisadora Ana Elvira Luciano Gebara (2012, p. 26) pergunta: “Pode o professor apresentar às crianças poemas se não tem uma concepção de poesia?” Mas, o que é poesia? Por que levá-la para a escola? Ribeiro (2007, p. 53) reconhece a dificuldade de encontrarmos “[...] um entendimento seguro para o polissêmico e fugidio conceito de poesia”. Também nós percebemos a pluralidade acerca do conceito de poesia ao tentar defini-la nos caminhos investigativos, nos quais foi preciso lidar com concepções múltiplas. Todavia, essa é uma reflexão importante a ser feita, principalmente pelos professores, pois o trabalho e o engajamento com o texto poético na sala de aula estão

diretamente relacionados a um conceito sólido e significativo acerca do poético, pautado em valores (universais) que “definem e dão sentido à vida de cada um e à própria humanidade”, e numa “reflexão epistemológica séria, sobre o valor do conhecimento, em geral, e sobre o valor do conhecimento estético e literário, em particular” (RIBEIRO, 2007, p. 53).

Ao aceitarmos o desafio de responder a segunda pergunta, “por que levar poesia para a escola?”, certamente estaremos dispostos a enfrentar a polissemia contida na primeira questão, “o que é poesia?”, e a pluralidade de respostas que podem ser encontradas. Tais reflexões desencadeiam aprendizados multifacetados e exploram a base da formação, não apenas docente, mas deste homem moderno que nos tornamos, que tem um modo peculiar (ou limitado) de ver o mundo, e que, de uma maneira geral, tem tratado a poesia como algo supérfluo, privilégio de alguns e dispensável para muitos. A leitura da literatura está para além da escolarização e o letramento literário tem um papel crucial no processo de apreensão e uso esclarecido da escrita nas práticas sociais pelo seu caráter transdisciplinar. Barthes (1978) já mencionava essa qualidade transversal que o discurso literário (poético) apresenta, dialogando com todas as esferas discursivas da atividade humana. Por outro lado, quando estamos falando da literatura na escola, são as concepções de literatura e do poético que os docentes possuem que indicam como ela chegará ao aluno e como efetivamente “pisará” o chão da sala de aula.

VIVÊNCIAS “DA ESCOLA DE CÁ”: QUAIS POEMAS PODEMOS LER COM E PARA AS CRIANÇAS?

Por outro lado, quando se trata de “ler poesia”, cabe neste enunciado algumas questões bem pontuais: uma delas é a preocupação plausível dos adultos quanto à adequação do texto ao público infantil. Diz respeito a “o quê” levamos/lemos para os pequenos. Outra questão é o modo de fazer a leitura poética, a forma pela qual mediamos a leitura da poesia, sublinhando suas características essenciais. Voltemos o olhar ao lócus empírico no Brasil e a alguns poemas que se fizeram presentes nas “Aulas de poesia³”, para refletir um pouco mais sobre a leitura da poesia com crianças.

³ Na inserção empírica no Brasil, chamávamos de “Encontros poéticos” os (nove) encontros que promovemos durante a pesquisa, todavia as crianças se referiam a eles como “Aulas de poesia”. A expressão deu origem a uma das categorias de análise na tese.

João Marino, poeta que participou da empiria no Brasil, falou ao grupo num dos encontros poéticos sobre um livro que leu intitulado *Meditação andando*, escrito por um monge budista vietnamita chamado Thich Nhat Hanh (1926-). Disse ele: “Minha memória desta rica leitura foi transformada num poema, que intitulei de ‘O caminho da paz’, o qual preparei para mostrar a vocês.” (VIEIRA, 2014). Neste mesmo encontro o poeta apresentou “Embora seja noite”, poema de autoria de um monge espanhol chamado São João da Cruz⁴ (1542-1591). João Marino contou ao grupo que o poema foi escrito enquanto o poeta estava na prisão e que trata da busca de um Deus. “Embora seja noite” foi igualmente declamado para o grupo.

Bordini (1991) explica que, dentre as formas literárias, a que exige maior introspecção é a poesia. Não pela subjetividade ou exacerbação do estado de espírito do poeta criador, mas por condensar múltiplos sentidos em poucas palavras, exigindo do seu leitor (e do ouvinte) “uma ativa mobilização do conteúdo intelectual e afetivo preexistente ao contato, um ajustamento contínuo de emoções e desejos, juízos e avaliações, à medida que a leitura [ou audição do poema] progride” (p. 31). Nosso poeta visitante sabe que escolheu poemas em sua maioria escritos por religiosos, e que suas escolhas não são precisamente de versos destinados aos miúdos. Ao contrário, alguns dos textos trazidos ao encontro pelo poeta estão muito distantes de ser caracterizados como poesia infantil, o que poderia resultar num desinteresse por parte dos pequenos. Poderíamos supor, inicialmente, que esses poemas não poderiam ser lidos para um grupo de crianças com idades diversas. Entretanto, os poemas de “gente grande” declamados pelo poeta foram ouvidos pelo grupo com atenção, admiração e curiosidade.

Os meninos e meninas buscaram apreender as palavras do poema e responderam ativamente à diversidade de leituras (declamações) feitas na roda. Mais do que isso, elas entram(ram) no tempo-espço poético por meio de um repertório de palavras não familiares, percebendo intuitivamente que as palavras condensadas para compor aqueles poemas “falavam” também com suas emoções, a despeito de que compreendam ou não o sentido e o significado de cada uma delas. O fato observado é que em nenhum momento foi preciso pedir silêncio, ele se fez sentir natural e encantadoramente. Além disso, um dos aspectos que convida a criança a entrar na roda poética é a forma como o poeta (o professor, a professora) “oferece” o poema ao seu interlocutor, a “moldura” na qual coloca o texto, a expressão verbal, gestual e rítmica que acompanha o compartilhamento,

⁴ Uma versão desse poema está disponível no *blog* Bacia das Almas (CRUZ, 2014, [s.p.]).

e isso tem a ver com o valor que o mediador atribui ao objeto que apresenta, ao apreço que lhe dedica. Quando a poesia é percebida numa clareira comum, as crianças se sentem convidadas a dizer “suas” poesias, a compartilhar o repertório. O poeta fez a leitura (declamação) de “Caminho da Paz” e de “Embora seja noite”. Depois de ouvir o poeta um dos meninos participante se encorajou a pedir a palavra. Ele queria apresentar o seu poema: “Se eu fosse uma rosa/ Te daria um botão/ Mas como sou um menino/ Te dou meu coração/ Com muito amor e carinho”.

A réplica (oral) do menino aos poemas ouvidos se fez assim, de modo simples e decisivo e no mesmo ritmo “ritualizante” encetado pela declamação do poeta. Ele apresentou uma quadra de origem popular, oral, e acrescentou um verso ao poema, declamando-o timidamente ao grande grupo. As faces rosadas e o tremular da sua voz demonstraram o quanto foi preciso coragem a um menininho do quarto ano para declamar seu poema numa roda “tão grande”. O poeta estava ali, outras professoras e os alunos do terceiro e do quinto anos também. O menino aceitou o convite imediatamente. Ele se pôs a caminhar, recolheu algumas flores que o poeta espalhou pelo “Caminho da paz” e retribuiu a gentileza imaginando ter algo a oferecer, numa entrega espontânea, imediata e amorosa. Destacamos aqui, sobretudo, a experiência estética de ouvir a poesia, que, numa percepção bakhtiniana, começa pela compenetração na voz do outro, na história do outro, na poesia do outro, assimilada em termos éticos, cognitivos e estéticos, em um processo que se completa somente com o retorno a si mesmo, à sua base axiológica.

Quando o poeta traz para a roda um texto medieval e encanta os ouvintes dos dias atuais com a leitura de “Embora seja noite”, diluímos as barreiras de tempo e espaço. Entramos metaforicamente em cada palavra pronunciada. Elas vibram. Produzem imagens múltiplas, complexas, intrigantes e afetivas. Nós, os adultos, reverberamos com a repetição e, mais do que isso, saímos mentalmente em busca da poesia que de alguma forma tenha nos acariciado em algum momento da nossa vida. As crianças se posicionam com os olhos e ouvidos atentos e com expressões que misturam acalento, admiração e estranhamento. Não há tempo de adultos ou de crianças, apenas humanos que compartilham a palavra do poeta. Ninguém ousa interrompê-lo. Depois de alguns instantes de reverberação do silêncio, uma das professoras se pronunciou:

Ouvindo o poeta, consegui me lembrar de poesias inteiras. E aqui, quando as pessoas começaram a ler poemas diferentes, pensei [sobre] o que foi feito das poesias que conheci, com a correria que a gente vive. [...] Lembrei-me de algumas que marcaram minha infância. Lembrei-me da Cecília Meireles e do Vinicius de Moraes. Não consigo me

lembrar de outra poesia tão prazerosa quanto a “Canção dos tamanquinhos”, de Cecília Meireles. Lembro com tanta saudade daquele tempo que ficou marcado para mim como parte da minha infância; não é simplesmente uma poesia, mas uma parte da minha infância que está ali. À medida que a gente vai crescendo, vai conhecendo outros poetas e vai lidando com outras poesias, mais elaboradas. Lembro-me de “Canção do Tamoio”, enorme, nunca gravei. A poesia para mim é um estado de espírito, não consigo vê-la apenas como um meio didático, quero estar “dentro” dela. (Professora D, junho de 2014)

A professora D citou a “Canção do Tamoio” ou “Natalícia”, poema de Antônio Gonçalves Dias (1823-1864). A pedido do grupo, ela declamou a primeira estrofe e os cinco últimos versos, partes que conseguiu lembrar. “Canção do Tamoio”, ou melhor, um fragmento deste poema, também foi ouvido pelos pequenos com a mesma disposição anterior. Nesse encontro outros poemas foram compartilhados pelas crianças e pelos adultos, sem nos importamos se ouvíamos poemas de “gente grande” ou de “gente pequena”. Lendo ou ouvindo poemas, as crianças “desconfiam” que as palavras dizem mais, que elas propõem uma nova forma de “ler” o mundo. Na sala de aula, tanto a escolha dos poemas que serão lidos, quanto o modo como serão feitas as leituras, passam pelo planejamento e ação do professor ou da professora, em seu papel de mediador.

José de Souza Miguel Lopes (2015), ao tratar da poesia na escola, enfatiza o envolvimento do professor enquanto leitor de poesia que precisa também “conhecer a poesia, os elementos que a tornam uma obra de arte. Somente apreendendo a mensagem poética em seus múltiplos sentidos, apreciando sua estrutura e significação e seu valor, poderá transmiti-la aos alunos” (p. 13). Para o autor, é preciso que o docente seja sensível ao texto, permeáveis à comunicação do artista, no exercício de ler, dizer e ouvir poemas.

Pelas questões aqui mencionadas, entendemos que ouvir, ler e apreciar (ou não) poemas das mais diversas autorias e origens é mais um direito das crianças. A pesquisadora Tereza Colomer (TAKADA, 2014, p. 1) é muito enfática: “a literatura não é luxo. É a base para a construção de si mesmo.” Ela precisa ser ensinada nas escolas, para que se torne instrumento de reflexão sobre o mundo, possibilite criar outras realidades, amplie os repertórios de linguagem, entre muitas outras habilidades. Quanto à poesia, Colomer (TAKADA, 2014, p. 1) explica que é graças a ela que “lutamos com a nossa incapacidade de expressar tudo o que sentimos. Ela é o laboratório da língua e, tal qual as artes plásticas e a música, gera prazer.”

O CHÃO DA SALA DE AULA: CONVERSANDO SOBRE POSSIBILIDADES

Enfatizamos que a presença da poesia em sala de aula não pode se restringir a um momento efêmero ou pontual. Sendo ela expressão da emoção humana, deve estar presente, em sala de aula, com ‘naturalidade’. Ao olharmos para as estratégias que professores e professoras (portugueses e brasileiros) vêm construindo, reafirmamos a escola como um tempo-espaço privilegiado para a leitura poética das crianças (jovens e adultos), visando o processo de humanização. As estratégias de trabalho com o texto poético se pautam numa seleção (criteriosa) de textos e autores, exigindo do professor mediador a formação adequada para fazê-la, mas principalmente a disposição (ou seria a paixão?) em interagir com a poesia e em promover o encontro entre ela e a criança. Estas estratégias não podem ficar limitadas ao domínio do eventual, pois a leitura da poesia exige mais do que eventualidade e precisa ser pensada como aprendizagem contínua e sistematizada. As rodas de poesia, os saraus, a montagem de varais e murais poéticos na escola são algumas das formas utilizadas pelos professores que objetivam impulsionar a leitura da poesia e resultam de projetos de trabalho contemplados nos planos de ensino das unidades escolares.

A roda de poesia é uma das estratégias que pode assumir diferentes configurações e auxiliar nessa aproximação. Na escola, pode ser organizada da seguinte forma: a turma vai à biblioteca (ou a outra fonte), escolhe um livro com poemas e seleciona um deles para fazer a leitura para o grupo, que, com data marcada, organiza uma roda de leitura poética na própria sala de aula, em outro espaço como a biblioteca, à sombra de uma árvore, ou em qualquer outro lugar. Podemos organizar o grupo em forma de círculo e, dessa forma, além de facilitar a aproximação e o diálogo entre os participantes, se faz jus à denominação. Em uma roda de poesia podemos fazer a leitura, a declamação e/ou conversar sobre os poemas e seus autores e, antes de finalizar uma rodada poética, é possível planejar quando será realizada a próxima.

O encontro poético é outro nome dado a uma experiência semelhante à roda de poesia. Encontro planejado, marcado, dentro do horário de aula ou fora dele, que pode acontecer com uma turma ou congregar diferentes crianças (jovens, adultos) que queiram participar. As duas atividades têm o mesmo propósito: ler, ouvir e declamar poemas (de diversas fontes, orais e escritas) trazidos pelos participantes ou pelo professor/pela professora, que propõe e faz a mediação da atividade. Debus (2016, p. 153) se refere à função docente na mediação literária e, “em particular na poética, em espaços coletivos

de aprendizagem [que] pressupõe a mediação do professor que, por sua vez, pressupõe que este tenha em seu repertório um acervo/enciclopédia de saberes que possibilite a ampliação dos saberes das crianças”. Nestes encontros também é possível e desejável falar dos poetas e dos contextos em que foram escolhidos ou produzidos os poemas compartilhados. O encontro com o poeta é uma das nossas estratégias mais contundentes, acreditamos (e não somente nós) que é outra excelente forma de promover a interação das crianças com a poesia, pois representa o momento em que o escritor vai à escola falar da poesia, mostrar seus poemas e conversar com as crianças sobre a experiência de criação poética.

Os projetos literários são realizados nas escolas e trazem contribuições significativas para a formação leitora. Há várias formas de promover a leitura literária, a leitura poética. Na escola brasileira está atualmente ativo o projeto “Sacola literária”, no qual uma sacola de tecido, decorada, contendo vários livros de literatura (entre os quais a poesia é contemplada), fica por uma semana sob a tutela de um menino ou uma menina que a leva para a casa. A criança é incentivada a ler os livros junto aos familiares e fazer o registro sobre a leitura de um deles. Num caderno específico para esse fim, a criança registra as experiências de leitura junto à família e, antes de devolver o pequeno acervo, apresenta um dos livros lidos e relata à turma a vivência leitora individual ou familiar. Em 2015, foram confeccionadas duas sacolas por turma (anos iniciais) e a oportunidade de levar a “Sacola literária” para casa é, de modo geral, aguardada com grande expectativa. O projeto pode ser replicado com diferentes variações e, dessa forma, sacolas, malas ou baús literários podem proporcionar experiências leitoras significativas – e, obviamente, os “amigos da poesia” vão cuidar para que ela seja contemplada nesses recipientes.

Sem dúvida cada projeto tem sua razão de existir e o modo de fato de promover a leitura literária, a leitura poética, dentro do contexto em que são constituídos e pautados nos objetivos a que se propõem. Entretanto, a questão mais relevante é a de que a poesia precisa sair do âmbito da eventualidade, figurar como componente legítimo no(s) planejamento(s) de ensino e se fazer presente de modo “naturalizado” no cotidiano escolar. Não como elemento curricular “obrigatório”, definido por especialista, mas como objeto de estudo e de ação docentes. O reconhecimento de que a poesia representa um capital cultural (BOURDIEU, 1994) possui valor formativo e pedagógico, está consolidado no âmbito acadêmico e científico e agora (felizmente) começa a ser percebido também no discurso e na prática docentes. Desse modo, começamos a “ver”,

ainda que timidamente, a poesia no discurso e na prática docentes como possibilidade de trabalho a qualquer hora e com o olhar cuidadoso às peculiaridades do gênero. Quadras, lenga-lengas, canções, *haikais* e outras formas poéticas assumem a função de familiarizar criança e poesia, proporcionando não apenas a aproximação entre ambos, mas, sobretudo, o prazer de ler, ouvir, fruir e escrever versos com liberdade para: criar e brincar com as palavras; motivar-se para expor e compreender suas próprias emoções; e exercitar a imaginação. Encontramos professores e alunos lendo, escrevendo e fruindo versos diversos tanto no Brasil quanto em Portugal. “Catadores” poderia ser a palavra para metaforizar os mediadores que tomam a poesia como instrumento de (trans)formação de si mesmo e dos outros, professores e professoras “Catadoras de palavras / em palavração / Catadores de vento / em inventação” (VIEIRA, 2012, p. 37), que acreditam no poder da poesia e que ampliam os espaços para que ela possa ser lida, ouvida, criada e fruída.

CONSIDERAÇÕES

A presença da poesia passa pelas mãos, ou melhor, pela ação docente. Nesse sentido, a tarefa do professor, da professora é planejar e mediar o encontro poesia e criança com o olhar de pluralidade, cuidando da seleção e observando critérios (estéticos, linguísticos e literários), provocando situações e promovendo experiências diversas. O docente precisa também estar aberto à complexidade da linguagem poética que não se deixa apreender em padrões rígidos e segregadores. Para que um trabalho mais efetivo aconteça na sala de aula, é necessário que se estabeleça uma relação produtiva e dialógica, para a qual é preciso que o docente inicialmente conheça o repertório literário das crianças, as narrativas poéticas que elas trazem do espaço familiar e social, e assumam a responsabilidade de ampliá-lo, aguçando nelas a criatividade para a construção de um novo acervo. Conhecer o repertório poético das crianças é ponto de partida; o diálogo com ele possibilitará sua ampliação e a construção alargada de um novo, por meio da leitura, da fruição e da (re)criação de poemas diversos. Aqui as crianças são pensadas como autoras de sua produção poética.

Dentre as muitas estratégias de trabalho propostas para a leitura do texto poético que encontramos nas escolas visitadas, que ouvimos dos professores e professoras, destacamos a criação (oral e escrita) de poemas pelas crianças, como experiência individual e coletiva que pode resultar num livro ou num álbum ilustrado pelos pequenos.

“Convidar” os meninos e meninas a fazer poesia é uma proposta que envolve outras estratégias e proporciona maior interação, e, em nosso ponto de vista, é uma estratégia de trabalho que atinge a questão essencial da relação poesia e criança, por tocar no exercício autoral que acompanha a leitura poética. A poesia cabe na prática educativa de variadas formas, mas ganha corpo e um significado ainda maior quando convida os meninos e meninas a criarem seus próprios poemas.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Fernando José Fraga de; MELO, Isabel Souto e. Poesia na infância e formação de leitores. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 30, n. 3, p. 925-946, set./dez. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2012v30n3p925/24396>>. Acesso em: 17 jul. 2019.
- BARTHES, Roland. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do colégio de França*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- BORDINI, Maria da Glória. *Poesia infantil*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1994.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- CRUZ, São João da. Embora seja noite. 20 abr. 2014. In: BRABO, Paulo. *A bacia das almas*. Blog. Disponível em: <https://www.baciadasalmas.com/emhora-seja-noite/>. Acesso em: 17 de jul. 2019.
- DEBUS, Eliane Santana Dias. A palavra poética na infância: a que(m) será que se des(a)tina. In: PEIXE, Débora C. de S.; BRAGAGNOLO, Regina I.; CONDE, Soraya F. (Orgs.). *Desafios e perspectivas da formação continuada de professores de educação infantil em Santa Catarina*. Florianópolis: NUP/UFSC, 2016. p. 151-168.
- DIAS, Antonio Gonçalves. Canção do Tamoio. Portal Domínio Público: biblioteca digital desenvolvida em software livre. 2016. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=200085>. Acesso em: 17 de jul. 2019.
- GEBARA, Ana Elvira Luciano. *A poesia na escola: leitura e análise de poesia para crianças*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- KRAMER, Sônia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 116, p. 41-59, jul. 2002.
- LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- LOPES, José de Souza Miguel. Poesia na escola. *Presença pedagógica*, v. 21, n. 121, p. 12-19, jan./fev. 2015.
- MEIRELES, Cecília. *Ou isto ou aquilo*. Organização Waldir Avelar. Ilustrações Odilon Moraes. 17. ed. São Paulo: Global, 2012.
- RIBEIRO, João Manuel. O valor pedagógico da poesia. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Coimbra, ano 41, n. 2, p. 51-81, jul. 2007. Disponível em: <<https://impactum-journals.uc.pt/rppedagogia/article/view/1196>>. Acesso em: 17 jul. 2019.
- SILVEIRA, Rosilene de Fátima Koscianski da; DEBUS, Eliane Santana Dias; AZEVEDO, Fernando José Fraga de. A poesia: estratégias para experimentar e fruir em

sala de aula. *Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 26, n. 2, ago. 2018. ISSN 1982-9949. Disponível em:

<<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/11601>>. Acesso em: 17 jul. 2019. doi:<http://dx.doi.org/10.17058/rea.v26i2.11601>.

TAKADA, Paula. Teresa Colomer: “Literatura não é luxo. É a base para a construção de si mesmo”. *Nova Escola*, p. 1-2, ago. 2014. Disponível em: <<http://acervo.novaescola.org.br/fundamental-1/teresa-colomer-literatura-nao-luxo-base-construcao-si-mesmo-808010.shtml?page=0>>. Acesso em: 17 jul. 2019.

VIEIRA, João Marino. *Das janelas de casa*. Criciúma: Ed. do autor, 2012.

VIEIRA, João Marino. *Encontro poético*. [27 jun. 2014b]. Pesquisadora: Rosilene de Fátima Koscianski da Silveira. Criciúma, 2014b. 1 arquivo de audiovisual (gravação em vídeo: WIN 20140627 103119, 1h59s).

Data de recebimento: 26/08/2019

Data de aprovação: 26/08/2019